



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

## Eixo temático: Política Social e Serviço Social

### Sub-eixo: Política de Educação

# AS CONDENADAS DO GÊNERO: A TRIPLA OPRESSÃO DAS MULHERES NEGRAS

ANA PAULA PIRES LOURENÇO<sup>1</sup>

## RESUMO

Mulheres negras estão em desvantagem em relação ao considerado humano universal, os homens brancos. Por meio de uma revisão bibliográfica, propomos pensar a intelectualidade de Lélia Gonzalez e a importância de suas contribuições. Infere-se que as opressões de raça, gênero e classe recaem de maneira mais contundente sobre as mulheres negras, atenuando as desvantagens e os estereótipos sobre elas.

**Palavras-chave:** Fanon; tripla opressão; racialização; raça; gênero.

## ABSTRACT:

Black women are at a disadvantage in relation to what is considered universal human, white men. Through a bibliographical review, we propose to think about Lélia Gonzalez's intellectuality and the importance of her contributions. It is inferred that race, gender and class oppression fall more heavily on black women, mitigating the disadvantages and stereotypes about them.

**Keywords:** Fanon; triple oppression; racialization; race; gender.

## INTRODUÇÃO

Frantz Omar Fanon, nascido na Martinica, em 1925, filho de funcionários públicos de classe média, foi um “revolucionário particularmente negro”<sup>2</sup> psiquiatra e militante anticolonial. (Faustino, 2018). A partir da literatura de Fanon, inicialmente, é possível, além de inúmeros aspectos, questionar e compreender determinados comportamentos da população negra, a partir do processo de colonização.

Para além disso, muitos são os desdobramentos da leitura que é feita nos dias de hoje quanto à raça, sobretudo referente ao sujeito negro, que é racializado, diferentemente do que acontece com o sujeito branco. Para iniciar essa discussão, é essencial pontuar que segundo

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

<sup>2</sup> Como apresenta o professor doutor Deivison Faustino, importante intelectual pesquisador de Frantz Fanon no Brasil.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

vasta pesquisa de Weber Lopes Góes (2015), que reúne nomes que tratam de raça e da origem desse termo, a raça surge com outro significado, diferente do que é usado atualmente. Nesse sentido, “[...] o conceito de raça não é linear, ao contrário, nem sempre o termo foi utilizado tal qual passou a ser concebido contemporaneamente, isto é, classificando os seres humanos em “negros”, “brancos”, “vermelhos” e “amarelos”” (Góes, 2015, p. 20-21). Segundo o autor, o termo nasce com o significado de “grupo de pessoas”, de “razão” e só após os séculos XVI e XVIII passa a ser utilizado de modo a classificar grupos, como, por exemplo, raça boa ou má, na qual a boa historicamente é a do sujeito branco e a má, conseqüentemente, é a do sujeito negro.

No século XXI, por conseguinte, em uma sociedade em que o ser humano negro é racializado e considerado inferior, enquanto o branco segue com passagem livre em espaços que o corpo negro comumente não habita com facilidade, é possível identificar elementos prejudiciais que implicam diretamente em violências cometidas com um povo em detrimento da suposta superioridade do outro.

Nesse movimento de questionar os elementos que colocam a sociedade a acreditar na superioridade de um grupo sobre o outro, o presente artigo se propõe a pensar a partir das intelectuais negras que se debruçam para compreender os recortes de gênero também imbricados aos raciais, uma vez que as mulheres há muito são humanas secundárias na construção de sociedade. Pensar sobre os acarretamentos que ocorrem para vidas negras que já enfrentam diariamente também as feridas que o patriarcado causa, além da posição social que aparece como fator também inferiorizante, é discussão também central de intelectuais e militantes como Lélia Gonzalez, que será central para essa discussão, no contexto brasileiro e será exposto e analisado nesse texto.

## **Fantasmas da colonização para o corpo negro**

Ao longo da história – o que nitidamente ainda se estende aos dias de hoje – o mito da inferioridade biológica e intelectual do negro perpassa vivências e situações que o impedem de acessar espaços que socialmente estão apenas destinados ao sujeito de pele clara, o não negro. Góes (2015) apresenta um diálogo de David Hume com Voltaire acerca da dúvida da capacidade negra, colocando os negros como naturalmente inferiores com relação aos brancos. Da mesma forma, o pensamento é ampliado em outros momentos:

A presença centenária do colonialismo se fazia sentir na área da saúde. De acordo com Fanon, ainda naquela altura, ensinava-se, nas escolas de psiquiatria que o



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

cérebro normal de um negro, ou um árabe, equivaleria, em habilidades e raciocínio lógico, ao cérebro de um branco lobotomizado. (Faustino; Oliveira, 2020, p. 10)

Um significativo número de autores à época afirma que a intelectualidade negra é inferior, quando não é inexistente, e que o branco é o sujeito habilitado para compor os meios intelectuais, acadêmicos e científicos, comumente, sem estranhamentos de natureza alguma, como, no entanto, não ocorre com o negro, ainda que ele, por vezes, alcance um título em um lugar representativo. Ademais, nos dias de hoje, apesar de ter uma parcela significativamente menor se propondo a, ao menos publicamente, expor falas dessa maneira, as ações e os não-ditos sociais trazem ao debate essa mesma afirmativa. O racismo, portanto, nos dias de hoje, não desaparece quando o sujeito negro adentra esferas sociais de prestígio e majoritariamente ocupados pelo branco, pelo contrário, ele é reforçado nesses espaços, como uma maneira de deslegitimar a presença negra. Além disso, o racismo sofre mutações de acordo com o tempo, o lugar, o contexto etc., por ser atrelado à colonização, ele muda, mas sua estrutura – a de privilegiar o branco em detrimento do negro – permanece intacta, independente das múltiplas formas que possui. Um exemplo disso é a falácia de que o racismo não existe em certas áreas porque é possível observar um número significativo de pessoas negras, (como nas escolas de samba do Carnaval e no futebol, onde a população negra parece ser mais “aceita”, mas apenas aparenta). Trata-se de um equívoco, pois falar da cultura do negro não caracteriza a ausência de racismo, e, sim, pode significar uma modificação ainda mais cruel dele, de modo silencioso. (Faustino, 2015)

É importante destacar, sobre isso, que no campo de atuação que não compete, direta e isoladamente, fazer uso do intelecto, o negro é comumente mais tolerado, como o exemplo de jogadores de futebol serem boa parte negros em alguns times (Faustino, 2015). A opressão causada pelo racismo e sofrida por parte desses jogadores, somente passa a ser nítido quando periodicamente esses são chamados de termos explicitamente racistas como “macaco”, mas o racismo mais implícito também está presente no movimento de superestimar o homem negro, como viril, dono de força incomparável, colocando-os em um lugar também racializado, pejorativo, de anormalidade e de outridade com relação ao ser humano socialmente universal, isto é, o branco. Esse elemento de racializar somente um corpo específico também aparece quando o sujeito negro é chamado de “negão”, mas o contrário não acontece, uma vez que não é comum um branco ser chamado de “brancão”, por exemplo.

Elementos como esse trazem à evidência ainda a animalização do corpo negro. O indivíduo negro, historicamente, é colocado no lugar de animal, uma vez que ele não é



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

considerado o ser humano universal, isto é, ele é colocado em um lugar de não-humano e não é contemplado em sua estruturação de racionalidade, de humanidade plena. Devido a essas inúmeras diferenças que o branco coloca diante do negro referentes a ambos, o sujeito, segundo Fanon (2020), experimenta duas dimensões: uma que ele faz uso com os semelhantes dele, ou seja, com os negros, e outra com a população branca, em outras palavras, o negro tende a se “comportar” de uma forma diferente dependendo de quem está na relação, se branco ou negro, como propõe reflexões em “Pele negra, máscaras brancas”, publicação de Fanon da década de 1950. O autor afirma que essa cissiparidade é produto do processo de colonização que houve em diversos países e propõe reflexões quanto à temática a partir da ótica negra.

### **A mulher negra e a somatização de violências negras cotidianas**

O corpo negro está cercado de inúmeras violências que se caracterizam de diversas formas, além das que rapidamente já foram expostas até aqui. A perpetuação dessas violências é naturalizada em diversos espaços. Exemplo disso é a reprodução da morte de pessoas negras pelo Estado, que é uma violência bem marcante no contexto brasileiro. Um caso que completou três anos em junho de 2024, e que teve bastante repercussão à época, sobretudo em mídias negras, foi o de Kathlen Romeu, de 24 anos, morta em uma ação policial em Lins de Vasconcelos, Zona Norte do Rio de Janeiro (Olliveira, 2021). Kathlen estava grávida e teve sua vida e de seu filho brutalmente interrompidas pelo Estado quando foi atingida por uma “bala perdida”, como é defendido pelos grandes canais de comunicação, porém é sabido que essas balas sempre localizam com exatidão os corpos nos quais vão acertar. Casos como esse não são isolados e, nem sempre são noticiados pela mídia, compactuando com o apagamento da importância de vidas negras.

Fanon (1968), em “Os condenados da Terra”, também aponta as violências que são naturalizadas dependendo dos corpos que as sofrem. Um exemplo é a conhecida como violência da ordem, que é aceita socialmente e não costuma ser lida como agressão quando não há morte física, que ocorre de forma de violência naturalizada e corriqueira aos corpos negros. É comum colocar um tiro disparado contra uma pessoa de pele branca como sendo algo mais violento do que o que é direcionado a uma pessoa negra e a mídia reforça esse cenário recorrentemente ao destinar mais importância para o primeiro caso.

Além disso, há a naturalização de inúmeras mortes negras também quando um corpo



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

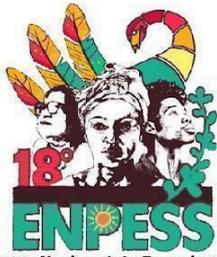
negro é “deixado para morrer”, leitura feita a partir da Necropolítica<sup>3</sup> de Mbembe (2018), isto é, a falta de Políticas Públicas, de intervenção nas zonas periféricas, onde se encontra a maior concentração de negras/os, ou mesmo o descaso estatal com as demandas negras são exemplos disso. Essa morte, ademais, que é legalizada pela sociedade que estereotipa comunidades negras, demonstra o não acolhimento social para com essas pessoas e inferioriza a existência negra em detrimento de uma vida branca. Nesse caso, a naturalização social é inversamente proporcional a preocupação populacional que causa uma morte como foi a de Kathlen e como é a de muitas/os outras/os jovens negras/os nas comunidades periféricas do país.

Expostos esses elementos, significativos para compreensão básica de certas vivências negras na sociedade, é importante amplificar a discussão no sentido de que se por um lado, o homem negro é alvo de desumanização e nisto é colocado como o “outro”, ou seja, como o humano que não é o universal, além de passível de ser lido como o sujeito da irracionalidade, por outro lado, sobra para a mulher negra ocupar um lugar ainda mais inferior e distante do ser humano universal.

Antes de explicar esse trecho, vale ressaltar, no entanto, que os tipos de racismo que mulheres negras e homens negros sofrem em muitos momentos se cruzam, se complementam em múltiplas violências que ferem da mesma forma a existência negra, entretanto, o racismo atua também sobre a mulher negra quanto à questão de gênero, que oprime e violenta a existência desse grupo social constantemente pautado em um patriarcado que se aplica a corpos femininos há muito tempo. Dito isso, “se para Simone de Beauvoir, a mulher é o Outro por não ter reciprocidade do olhar do homem, para Grada Kilomba, a mulher negra é o Outro do Outro, posição que a coloca num local de mais difícil reciprocidade.” (Ribeiro, 2017, p. 38). Em outras palavras, se o homem negro é secundarizado em sua humanidade, a mulher negra é colocada ainda mais abaixo, em tese, pois ela não só não é uma pessoa branca como também não é homem, o que a faz ocupar um lugar que é classificado como a base da pirâmide social, como Gonzalez (2020) já conceituava no século passado.

Quanto a esse aspecto, o cuidado com a saúde mental da população negra, com todos os elementos que Fanon apresenta em seus escritos e na sua própria trajetória, nesse sentido, além da invisibilidade comumente colocada às mulheres negras, implica diretamente em compreender também as contribuições centrais que Lélia Gonzalez pode trazer para pensar essas questões, a

<sup>3</sup> Conceito filosófico criado sob a visão de que as políticas estatais controlam quem deve viver e quem deve morrer, a partir de mecanismos sociais políticos.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

partir das vivências, da militância e dos escritos dela, para a formação dos estudos da História do Brasil. Ao observar a trajetória da autora – filha de um ferroviário negro e de uma empregada doméstica de origem indígena – que teve oportunidade de estudar no ensino regular, no entanto enquanto isso, ainda pequena, dividia os estudos com o trabalho como empregada doméstica (Ratts; Rios, 2010), é possível perceber a disparidade de uma menina branca, por exemplo, que podia preocupar-se apenas com os estudos primários e não com contribuir para a alimentação da família, ainda na infância, como as meninas negras.

Lélia, que adentrou a universidade com muito esforço, notou-se como raridade negra e passou a ser embranquecida no percurso da sua formação, alisando os cabelos e construindo narrativas próprias que mais se afastavam da sua origem do que reforçavam (Ratts; Rios, 2010). Mais tarde, quando compreendeu esse cenário, narrou isso e diversas outras contribuições teóricas que ela apresentou a partir das próprias vivências e, com isso, é possível notar esse lugar inferiorizado negro, e, também, patriarcal, em uma sociedade que além de classista, é machista e racista. Nesse sentido, partindo da leitura que Fanon propõe, de compreender os sujeitos negros a partir da leitura social e de tomá-los como condenados sob uma visão social, cabe apresentar as mulheres negras, então, como corpos também passíveis socialmente de condenação – sendo essa ainda mais grave – pois são expostas a inúmeras violências físicas, mentais, morais, sociais etc., como as que Gonzalez e outras mulheres negras sofreram e sofrem.

Ao contrário disso, é importante diariamente ceder ao desgaste de afirmar nos espaços sociais que as mulheres negras, ainda que pertencentes à base da pirâmide social, como já exposto, não são intelectualmente inferiores e as afirmativas feitas pelos estudiosos em séculos anteriores perdem a força com uma breve pesquisa na qual se procura entender porque pessoas negras, sobretudo as mulheres, estão ainda em condição de desigualdade, mesmo após o processo da libertação da escravização. Trata-se de elementos que nada têm relação com a construção do intelecto ou biologização desses grupos, como problematizava Fanon em seus estudos, e sim com a ausência de Políticas Públicas do Estado de modo a incluir esse grupo como cidadão no dia seguinte da abolição (Gonçalves, 2018a), o que resulta nas desvantagens sociais e raciais que prevalecem até hoje.

Ainda com essas significativas desvantagens e diversos enfrentamentos, quando as mulheres negras – mesmo que em um número pequeno – chegam para compor a academia e/ou espaços de destaque, elas têm o poder de mexer na estrutura da sociedade. Segundo Davis (2017), “quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

ela”, pois ao movimentar a base de uma estrutura feita em camadas, proposta para ficar intacta e estagnada, é impossível não modificar as partes que estão acima dela também. Nessa direção, quanto mais mulheres negras adentrarem a esses espaços, mais sensível a estrutura fica a se romper aos poucos.

Existem várias formas de inserção negra nesses espaços de poder, uma delas é o enegrecimento da literatura dos cursos da graduação e de pós-graduação, como escritos que têm contribuições ainda não experimentadas plenamente pelas áreas de conhecimento das Ciências Humanas. Outra, com a atuação das políticas, é a facilitação da passibilidade feminina negra fisicamente também a esses espaços de conhecimento nos quais esse grupo tanto pode contribuir.

Historicamente, no entanto, a imagem associada à “mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, cobradora de ônibus ou prostituta” (Gonzalez, 2018, p. 202), nunca de intelectual, de chefe, de alguma representação de destaque, e ainda, em 2024, causa estranhamento uma mulher negra estar fora de espaços como esses subalternizados e postos para ela permanecer de geração em geração. É importante reforçar que esses grupos, isto é, de empregadas domésticas, cozinheiras etc. não são passíveis de serem diminuídos, pois tratam-se de funções dignas, mas uma vez que as negras são condicionadas e fechadas apenas a essa camada de possibilidades, é, no mínimo, algo a ser questionado. Afinal, por que as mulheres negras não podem pertencer física e literariamente às academias e aos espaços onde se faz uso de intelectualidade e serem destinadas apenas aos espaços mencionados? Não apresentar uma resposta objetiva para isso é um problema, porém não se propor a refletir e a desconstruir esses mecanismos é um outro ponto a ser considerado prejudicial nesses espaços e em toda a sociedade.

Quanto a isso, Gonçalves (2018a) observa a falácia de que as mulheres negras “são desprovidas de capacidade intelectual, o que as coloca em desvantagem quando chegam à docência no Ensino Superior onde, para sobreviver, terão uma responsabilidade redobrada” (Gonçalves, 2018b, p. 363). Essa ideologia adotada até hoje por alguns grupos mantém viva a tripla discriminação vivenciada pelas mulheres negras: a de gênero, a de raça e a de classe social. Essa vivência faz com que as negras ocupem uma posição de maior desvantagem com relação aos homens negros, uma vez que, além da desigualdade social e do racismo, recai sobre elas os ardilosos mecanismos, estruturantes da sociedade brasileira, da violência patriarcal.

É essencial destacar que a mínima presença de mulheres negras nos currículos e em espaços universitários, em espaços de poder, na política e em diversos outros, vem, há muito



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

tempo, causando um desconforto social que não se resolve ao se aumentar a presença de pessoas negras, sobretudo de mulheres negras, nesses lugares sem que seja dado a elas condições de permanecer e viver em equidade, mas só com uma mudança de Políticas Públicas e da estrutura social com ações que atinjam diretamente esses entraves que ainda são enfrentados, sem margem para inexistirem. A colonização que ocorreu em diversos países, como Fanon apontava, tem parte direta na construção da desigualdade racial e, como exposto até aqui, o gênero, somado a isso, agudiza ainda mais esse cenário que precisa ser destruído a fim da valorização de todos os corpos negros.

Nesse sentido falar da opressão racial considerando apenas os homens negros, sem contar com as mulheres, e falar da opressão sofrida pelas mulheres com relação ao patriarcado, sem considerar a questão racial “tira da cena a dura realidade vivida por milhões de mulheres que pagam um preço muito alto por não serem brancas” (Gonzalez, 2020, p. 142).

Considerar os elementos trazidos pelos estudos de fanonianos e fazer as devidas imbricações com os posteriores estudos de Lélia Gonzalez é parte fundamental para o fortalecimento de mulheres negras que, ao contrário do que os reforços sociais apresentam, não são sujeitos inferiores biológica, humana e intelectualmente, mas, pelo contrário, são ricas em conhecimento e contribuições teóricas e de vivência para agregar a uma sociedade que urge que seja mais justa e mais igualitária.

### **Considerações finais**

Os entraves e os desafios, considerando o exposto, em um pensamento ideal, são elementos a serem encarados pela comunidade acadêmica, pela sociedade, pela militância – e não apenas a negra –, pelo Estado (quando esse se propuser a enfrentar os desdobramentos ocorridos ao longo da história que prejudicam a comunidade negra até hoje) e pela população branca, pois

A questão racial no Brasil não é uma questão para o negro resolver, como a pobreza não é para o pobre resolver. O machismo também não é uma questão para a mulher resolver. Porque, se não, o sujeito que é vítima e sacrificado ainda tem que procurar resposta. A questão negra no Brasil não é uma questão do negro, é uma questão da sociedade. (Evaristo, 2019)

Idealmente, essas são etapas essenciais para a movimentação como um todo da pirâmide social que, atualmente, se estremece com a movimentação de mulheres negras, mas as oprime logo após e, constantemente, trava tentativas em uma luta que é legítima e simples: a



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

existência e não mais a resistência da população negra, sobretudo das mulheres, em lugares de destaque.

Levar em conta o cenário que Fanon aponta há várias décadas e perceber que ainda se aplica aos dias de hoje é elemento fundamental para que se afirme o atraso social que ocorre para modificar a historicidade negra, que foi colonizada ainda em outro século, mas que segue sofrendo os resquícios contundentes do cenário que prejudicou e prejudica inúmeras gerações até hoje. Cabe enegrecer estudos – como propunha Carneiro (2019)

quanto ao enegrecimento do feminismo – no âmbito das ciências humanas e apontar a discrepância existente entre as vivências dos sujeitos negros e brancos, entre, também, as mulheres e os homens e também o sujeito abastado e o pobre para que seja melhor alinhado e minada a discriminação infundada na presente sociedade de classes.

É importante propor à sociedade estudos que desvencilhem negros de sujeitos miseráveis, mulheres negras como totalitárias em papéis subalternos e de cuidado com o outro, e nunca consigo, para que seja promovida uma melhor qualidade de saúde mental na população feminina negra que muito se prejudica com esse cenário. Além disso, cabe também aprofundar estudos dos autores trazidos no presente artigo para que seja, assim, facilitada a compreensão sobre a infundada inferioridade negra e feminina na sociedade atual.

## Referências

DAVIS, Angela. Curso: feminismo negro descolonial nas Américas. [S. l.: s. n.], 18 jul. 2017. 1 vídeo (2 h 15 min). Publicado pelo canal *Tv Boitempo*. Brasil. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=Az3uvwz0P1M&t=1159s&ab\\_channel=TVBoitempo](https://www.youtube.com/watch?v=Az3uvwz0P1M&t=1159s&ab_channel=TVBoitempo).

CARNEIRO, Sueli. *Escritos de uma vida*. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

CARNEIRO, Sueli. *Escritos de uma vida*. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

EVARISTO, Conceição. “A questão racial não é para o negro resolver”. [Entrevista concedida a] Guilherme Padin. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 25 dez. 2019. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/artesagenda/concei%C3%A7%C3%A3o-evaristo-a-quest%C3%A3o-racial-n%C3%A3o-%C3%A9-para-o-negro-resolver-1.389051>.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FAUSTINO, Deivison Mendes. “Por que Fanon? Por que agora?": Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil. 2015. *Dissertação* (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos,



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

São Carlos, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/7123>.

FAUSTINO, Deivison Mendes. *Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro*. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2018.

FAUSTINO, Deivison Mendes; OLIVEIRA, Maria Clara dos Santos. Frantz Fanon e as máscaras brancas da saúde mental: subsídios para uma abordagem psicossocial. *Revista da ABPN*, São Paulo, v. 12, ed. especial, p. 6-26, out. 2020.

GÓES, Weber Lopes. *Racismo, eugenia no pensamento conservador brasileiro: a proposta de povo em Renato Kehl*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/124368/000837627.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

GONÇALVES, Renata. Quando a questão racial é o nó da questão social. *Revista Katálysis*, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 514-522, dez. 2018a. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-49802018000300514&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802018000300514&lng=pt&nrm=iso).

GONÇALVES, Renata. A invisibilidade das mulheres negras no ensino superior. *Poiésis: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisul*, Tubarão, v. 12, n. 22, p. 350-367, 2018b.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa*. São Paulo: Diáspora Africana, 2018. p. 190- 214.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo-afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (orgs.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. p. 80

OLLIVEIRA, Cecília. *Kathlen e seu bebê, mais duas vidas negras interrompidas no Brasil*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-06-09/kathlen-e-seu-bebe-mais-duas-vidas-negras-interrompidas-no-brasil.html>.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Justificando, 2017.